

Leila Leite



Tarde 

Editora Gato Ed



Tarde

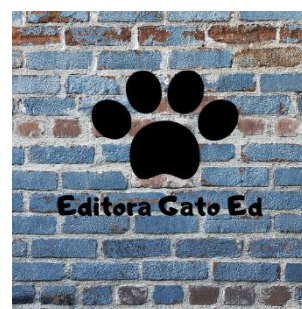


Leila Leite



Editora Gato Ed

O que você faz com o tempo que ganhou ao nascer? Eu escrevo. Quando penso em tudo que já coloquei em folhas de papéis que se perderam, em outras que foram lidas e muitas que foram esquecidas, só consigo buscar entender o que é isso que faz com que a gente queira muito escrever, que sensação é essa que faz com que tudo pareça mais inútil e vazio se não estou escrevendo, se não estou lendo, se não estou tentando entender o que talvez não seja para entender e tentando mudar o que todo mundo diz que não tem mais jeito, mas que a gente insiste tanto em querer que seja diferente. E uso a escrita para viver, sem ela não tem o tempo, não tem a existência.



Leila Leite

Tarde

1ª Edição

**Editora Gato Ed
Belém-Pará
2022**

Capa: Leila Leite
Diagramação: Leila Leite
Edição: Leila Leite
Texto: Leila Leite

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

L533 Leite, Leila.
Tarde [recurso eletrônico] / Leila Leite. — 1. ed. —
Belém : Gato Ed, 2022.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-5854-734-1

1. Crônicas brasileiras. 2. Contos. 3. Literatura
brasileira. I. Título.

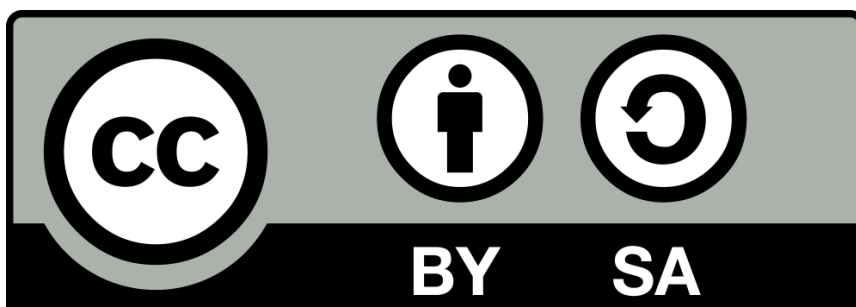
CDD22: B869.8

Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato e-book no site da Editora Gato Ed.



E-BOOK

GRATUITO



Tempo

Tarde é um livro sobre o tempo, sobre meus momentos com a minha escrita, meu pensar, minhas dúvidas e algumas poucas certezas. Aqui estão algumas histórias que já foram lidas pelo WhatsApp por aquelas pessoas que fazem parte de meus contatos, talvez algum tenha escapado a esse meio que tanto utilizo. O cotidiano e o tempo são a temática principal aqui. Gatos e gatas rondam por essas páginas com leveza e languidez, apenas fazendo gatices. Os ponteiros passam lentos, o vento bate suave e ninguém tem tanta pressa assim. As comidas espalham seu perfume e são saboreadas como se deve, comida é vida, não é? Espero que consigam curtir a leitura como eu curti escrever cada palavra. Esse é um livro dedicado à vida.

Leila Leite
Em: 30 de julho de 2022
Às 15:30

Calçada

— Mala, olha como aquela mulher tá velha, acabada, de pensar que namorei com ela na juventude.

— Pedro, tu tá é caduco, presta atenção, cadê teu zóco.

— Tá aqui no bolso.

— Meu Deus hôme, põe esse zóco logo, antes de passar vexame.

— O que foi? O que eu disse de errado?

— Essa é tua bisneta, como tu namorou com ela na juventude? Deixa de ser lesado!

Uma longa conversa ocorria todas as tardes na calçada da casa de Seu Pedro, era uma coisa sagrada para os dois. Seu Malaquias chegava às 15h, Seu Pedro já havia almoçado, feito a sesta e tomado um banho, se arrumava e seu bisneto colocava o banquinho para ele sentar e o outro para esperar por Seu Malaquias. Era assim desde que Seu Malaquias se aposentou há uns dez anos atrás. Era funcionário do banco, toda tarde quando passava pela casa de Seu Pedro de volta do trabalho parava para bater um dedinho de prosa, mas não se demorava, estava cansado. Seu Pedro já estava aposentado a mais tempo, era um pouquinho mais velho que Seu Mala, como ele chamava Seu Malaquias. Os dois eram patriarcas de duas famílias grandes e que há muito já estavam misturadas, eram netas, netos e muitos parentes em comum, uma vida inteira de convivência que fazia com que os dois ganhassem intimidade e com que Seu Mala invejasse a tranquilidade com que vivia Seu Pedro, mesmo tendo muito menos que ele financeiramente, parecia que ele sabia viver em paz.

— Rapaz, é mermo ó – Seu Pedro ajustou os óculos no rosto, mirou a bisneta vindo no caminho e quando ela se aproximou, antes que pedisse a benção dos dois, Seu Pedro fala:

— Menina, tu tá muito velha, pensei que fosse tua bisavó vindo ali, coisa mais estranha, parece até que eu fiquei velho de repente.

— Biso, assim o senhor estraga a nossa relação.

Seu Malaquias soltou uma grande gargalhada antes de tentar defender a bisneta, ele gostava de gargalhar bem alto sempre que Seu Pedro dizia alguma coisa que não condizia com coisa nenhuma. Então, Seu Mala se aproveitava.

— Velho e caduco, tu num sabe que a menina tem só quinze anos, é uma criança ainda, tu tá caduco, cego e velho – Para ele a gargalhada ficava ainda melhor quando Seu Pedro ficava com raiva e quanto mais tempo gargalhava havia mais chances de contagiar Seu Pedro.

Seu Pedro estava com 95 anos, era casado com Dona Rosa, de 85 anos e os dois viviam em sua casa de dois quartos, sala, cozinha, um grande quintal, com eles morava uma filha, Dona Geise, era uma senhora de 65 anos, a filha mais velha, voltou para a casa dos pais quando ficou viúva ainda muito jovem, antes dos trinta anos, tem apenas uma filha, Dona Ivonete, mãe de Maria, que Seu Pedro pensou ser a esposa chegando, mas que em poucos minutos estavam os três gargalhando, Seu Pedro, Seu Mala e Maria.

— Poxa, Biso, a Biso era bem bonita quando era jovem –E começou a gargalhar junto com o Biso Mala, parecia uma festa, o que fez com que Dona Rosa aparecesse na porta.

— Que festa é essa que ninguém me convida?

Quando Maria contou, Dona Rosa entrou na brincadeira e logo começou a recordar o passado.

— Maria, conheci teu biso quando tava caminhando pela orla, eu tinha a tua idade, 15 anos, ele era um pescador bonito, forte, grande, trabalhava com meu pai.

— Rosa, num enche a cabeça da menina com história velha.

— Deixa ela contar seu velho chato – Retrucou Seu Mala – Hôme chato, credo.

— Então, Maria, senta aí na calçada que vou te contar direitinho – Continuou Dona Rosa sem ligar para o que os dois diziam. Quando começava a contar suas histórias, ela olhava para o horizonte, mergulhava em seus pensamentos e não conseguia mais parar de imaginar e viajar nos floreios que fazia e na fantasia que descrevia, mas sem fugir do roteiro e nem das personagens principais e Seu Mala era uma delas.

— Foi assim, meu pai era pescador, a gente, eu e tuas tias ajudava com a rede e com o mariscado e na casa ajudava minha mãe, tudo era bem simples, nossa casa, nossa comida, nada era como hoje com esses moleques exigindo o que comer, dia desses aí teu primo queria um doce de sei lá o quê ou então não comia.

— O que a senhora fez com ele?

— Ficou sem comer. Ele pensa que é rico, pensa que vive onde? Aff! Moleque chato igual esse avô velho – Outra gargalhada começou, o biso Mala não perdoava, gargalhar era a vida dele desde que se aposentou e começou a sentar na calçada com Seu Pedro – Enfim, a gente trabalhava dia e noite, mas não saia reclamando da vida, ter o que comer já era suficiente. Então, um dia eu estava caminhando na orla e o Pedro estava lá, aquilo me chamou logo a atenção, era diferente de todos os outros, era maior, o cabelo mais bonito, mas meu pai já tinha escolhido outro pra mim.

— Então, como vocês acabaram juntos?

— A gente fugiu. O Mala ajudou a gente, ele era criança ainda, tinha uns dez anos, era um moleque desses que andava pirangando uma comida, só remela e preguiça – Mas, Seu Mala não aceitou isso assim calado e tentou se defender.

— Êpa, isso não é verdade, eu era um menino trabalhador, ajudava na pesca e carregava caixas e fa...

—Não me interrompe.

—A gente precisava de ajuda pra que meu pai e minha mãe não percebesse nada, combinei tudo com o Mala, ele chegou em casa ainda à tarde, na hora em que meus pais dormiam a sesta, eu dei pra ele a trouxa de roupa, ele levou pro barco do Pedro, na madrugada o Pedro já tava me esperando e o Mala me ajudou a chegar até lá.

— Então, essa fuga foi fácil demais bisa.

— É, fugir não é difícil, a gente sempre acha um jeito quando quer de verdade - Dona Rosa deu uma gargalhada gostosa.

— E depois bisa?

— Depois a gente encheu esse mundão de gente, mas meu pai não me perdoou fácil, durante muitos anos ele não quis falar comigo, não quis conhecer os netos, a gente precisou se esconder de verdade por muito tempo, eu sofri muito. Ele queria matar o Pedro e andava caçando a gente por aí. Mas, chegou um momento em que desistiu, guardou a arma, ouviu minha mãe e foi viver a vida sem mim, sem nós, como se nunca tivesse tido essa filha e como se não soubesse do genro e dos netos. Foram anos assim. Eu sofri muito, mas também não fiquei indo atrás, deixei pra lá, já tinha minhas próprias preocupações pra cuidar. E agora, não existe mais meu pai, minha mãe e todos nós estamos velhos e logo também não vamos mais existir, até o Mala, olha pra ele, era só um menino naquele tempo e hoje é o bisavô de moças e moços, o tempo.

— Mas, Rosa, ainda nos resta a calçada, um bom café e um papo furado pra recordar.

— Sim.

E a gargalhada continuou até metade da noite, perderam a hora de costume de se recolher e muitas outras lembranças foram contadas.

Carolina

Era silêncio e uma suave brisa soprava e batia lentamente no rosto, nada era muito importante naquele momento, era algo muito parecido com a paz que imaginava querer para sua vida e havia conseguido, finalmente. Ela estava sentada ali sozinha e catando feijão, só a quantidade suficiente para que almoçasse e jantasse naquela quente segunda-feira, mas uma triste música ao longe lhe trouxe à lembrança um passado em que foi jovem, um tempo em que se atrevia a sonhar e namorar alguém que não lhe correspondia da maneira esperada, mas ela se conformava com aquela forma, quando a pessoa não aparecia, ela não sentia falta, apenas gostava de saber que algum dia voltaria.

Era uma situação que poderia parecer triste para algumas pessoas, mas no fundo ela só estava cumprindo o protocolo que a sociedade exigia de todas as mulheres jovens, não fazia a menor questão de ter alguém 24h sabendo de seus passos e perguntando de sua vida, principalmente pela manhã, isso seria horrível, quando acordava gostava de silêncio, tranquilidade para seus sensíveis ouvidos. Naquele momento lembrou de quando era mais jovem ainda, apenas uma criança, a terrível dor de ouvido que sentiu, sem poder comer, sem poder falar, a parte de não comer principalmente fez com que ela decidisse buscar o máximo de silêncio possível e uma pessoa em seu quarto acordando tagarelando.

Ela gargalhou e seu pensamento se voltou para o feijão. Era um feijão da colônia que seria cozido com charque e um bom pedaço de bacon ou melhor dizendo, um bom toicinho, como ela dizia, chegou a saborear antes mesmo de lavar e colocar na panela de pressão novinha que comprou no dia em que entrou de férias, antes das férias só pensava em poder ficar o dia todo em casa e preparar seu feijão favorito, assim como de seu companheiro, um tão silencioso quanto ela e que ela amava e era muito bem correspondida.

A hora corria longe, mas ela nem percebia, a brisa do verão lhe enchia de preguiça e vontade de voltar para a cama, coisa que faria junto com seu gatinho, o Pretusco, assim que os dois almoçassem aquele delicioso prato de feijão com arroz que ela se dispôs a preparar.

Feijão limpo, ela cortou o charque que seria fervido junto com o bacon, depois refogado e posto na panela do feijão, o arroz também já estava fervendo e a farinha estava preparada, tudo seria delicioso quando organizados e transformados em pirão, ela imaginava o momento enquanto sentia o cheiro, Pretusco também estava sentindo o cheiro e saboreando, ele pensava:

- Essa minha mãe é demais, ela sabe que adoro comer um charque cozido no feijão pra tirar o gosto da ração, esse cheiro me enlouquece, miauuuuu!!!! – E rodeava as pernas de Carolina miando e agradecendo.

Enquanto esperava o almoço aprontar Carolina lavou uma maçã e sentou para comer e novamente seus pensamentos se perderam, ela não lembrava mais quando havia se tornado aquela mulher tão solitária, não exatamente sentindo falta do passado, mas pensando nas pessoas, nas noites de final de semana que passava bebendo e conversando com muitos amigos e amigas, música alta, voz gritada, pessoas se beijando, algumas, no final da noite, já muito bêbadas para caminhar até em casa, mas a felicidade de estarem juntas e saberem que contariam umas com as outras para sempre, mesmo que esse para sempre nem fosse contado no tempo, era tanta que até mesmo os silêncios eram barulhentos e risonhos.

Pretusco miou e tirou Carolina daquela festa do passado e trouxe para o presente, o arroz estava queimando, ela quase ficou com raiva, mas seu gato a acalmou, miou e pediu carinho com seus olhinhos amarelos. Ela desligou o fogo, olhou o feijão, só mais um minuto e tudo estaria perfeito, não se distrairia mais, trocou o arroz de panela, serviu um pouco de ração

para o gato e pronto, seu almoço favorito estava pronto, era servir e comer, Pretusco nunca se sentiu tão feliz.

—Pretusco, toma o teu charque, só um pedaço, sabe que não pode comer muito – Pretusco se deliciou, lembrou do tempo em que era apenas um filhotinho recém-nascido e não havia nada para comer, seu estômago roncava, a sede também era demais, não encontrava um teto, uma mãe que quisesse lhe acolher, o sofrimento era medonho. Foi quando em um dia de chuva, depois que pode tomar alguns goles d'água, uma mulher encostou na marquise daquele prédio no centro da cidade, assim como ele ela também buscava abrigo e também queria uma companhia, ele soltou um miado para chamar a sua atenção, quando olhou para ele Carolina não segurou as lágrimas, pegou em suas mãos e agasalhou como pôde, ele se sentiu seguro pela primeira vez.

Ela pegou o ônibus rumo a periferia, o caminho foi longo, ela e ele com fome, mas em casa o feijão estava pronto e na geladeira só esperando aquela chegada, ela tratou de dá leite e água para ele, esquentou o feijão e o charque, foi a primeira vez que Pretusco colocou um pedaço de carne na boca, foi a melhor coisa de sua vida e sempre que ele sente esse cheiro ele fica maravilhado e lembra desse dia, ela também e ele sabe disso, por isso apela miando bem alto para que o pedaço de charque seja maior.

Almoço acabado, depois que repetiram três vezes, louça lavada e guardada, ela era muito organizada para deixar a louça do almoço para depois, Carolina foi deitar um pouco na rede da sala e acariciar seu gato pensando que a vida é engraçada, de tanta gente que conheceu e perdeu o contato com o passar do tempo, só a amizade sincera do Pretusco foi que ficou.

Em 10 de julho de 2020
às 20:40

Macarronada

Quando era criança ela gostava muito de comer um doce chamado Sorvete quente, sempre que pensava na infância ela lembrava desse doce, a boca transbordava de água. Mas, nunca mais encontrou esse doce e talvez ele nem tivesse o mesmo sabor que estava em sua memória, talvez fosse completamente diferente, assim como o gosto do seu refrigerante preferido na infância e que agora não tinha mais o mesmo sabor, havia perdido toda a graça.

Mas, também ela já estava beirando a velhice e seu paladar e sua memória haviam mudado bastante, agora andava apaixonada por massas e não via mais muita graça em coisas doces. Gostava de comer uma macarronada sempre que possível, ela lembrava amizade, as reuniões que em sua juventude costumava fazer, com amigos e amigas sentadas e conversando, dando muitas risadas. Essas risadas começavam no momento em que decidia fazer a macarronada e todas e todos faziam as compras juntas, que macarrão comer?

Não entendiam nada de macarrão na verdade, não sabiam nem mesmo sobre o molho, mas tudo fazia parte da diversão, escolher o macarrão na verdade significava escolher o mais barato, assim era possível partir para a escolha do molho e a marca da salsicha que comporia todo o prato, um pacotinho de queijo ralado, tudo era parte da diversão, inclusive o fato de não ter dinheiro para comprar coisas mais caras, o importante era a amizade, gargalhar de tudo e impedir a passagem das aborrecidas donas de casa que estavam na fila do supermercado da feira do bairro onde moravam, o refrigerante completava a lista e todos partiam se divertindo e sonhando.

No caminho mais alguém entrava no bando e todos caminhavam felizes com o alimento que iriam preparar, aquele era considerado o melhor

de todos os pratos. Mas, não percebiam que na verdade tudo estava no melhor tempero de todos, a amizade, aquela que tornava tudo mais saboroso, inclusive aquele prato tão simples, macarronada de salsicha temperada com muita amizade.

Agora que a velhice se aproxima, não é mais assim, já não tem mais os amigos de antes, as gargalhadas estão perdendo o sabor, talvez já tenha perdido há tempos, mas ainda tenta, convida sua melhor amiga, não vão mais no supermercado do bairro, já podem comprar um macarrão melhor e quase sempre ela consegue impor seu paladar.

Ela nunca casou, não tem filhos, pensou em adotar, mas se acovardou, preferiu ficar com os livros, Inês, sua melhor amiga, ao contrário, tem três, mas são adultos, cuidam de suas vidas e agora não atrapalham mais as macarronadas solenes das amigas.

O macarrão agora é escolhido com alguma propriedade e as bebidas são algumas garrafas de vinho, tudo com muito queijo, ela ama queijo, quando chegam em casa para preparar a macarronada algumas pessoas também chegam depois, algumas gargalhadas aparecem e talvez falte a elas apenas perceber que o tempero continua vivo, ele só precisa ser remexido para voltar a aparecer.

Em: 06 de outubro de 2019

Menina

Seus cabelos estavam lhe tirando a felicidade, não exatamente seus cabelos, mas aquelas pessoas que olhavam para ela com indiferença e achando que tudo nela parecia fora do lugar. Quem sabe ela fosse mais branca e mais bonita se seus cabelos não fossem daquele jeito.

— Menina, porque tu estás chorando? – Ela, que estava de cabeça baixa e soluçava, levantou bem lentamente os olhos, procurou por todos os lados e se assustou – Acho que tô ouvindo vozes, melhor correr para casa.

Tudo ficou muito silencioso por alguns segundos, ela enxugou as lágrimas, pensou consigo.

— Eu tô mesmo escutando vozes, melhor eu correr – E quando se preparava para correr, ouviu novamente – Então, menina, porque tu estás chorando? Eu tô com muita fome e frio, acho que morro logo, assim o mundo se livra de mim – Foi então que percebeu que o som daquela voz tão fraquinha estava vindo lá de baixo, não era uma voz humana.

Ela se abaixou novamente, era um serzinho tão pequeno, todo sujo de lama, seus olhinhos estavam inchados de tanto chorar, tão fraca, assim que ela a segurou nas mãos foi se encolhendo e parecia mesmo querer morrer.

— Qual teu nome? - Mas, não obteve nenhuma resposta, o serzinho já estava dormindo ou talvez tivesse morrido tamanha era a sua falta de força e de vontade de viver. Ela pensou rápido e saiu correndo.

— Preciso te salvar, preciso te salvar, preciso te salvar – Ela repetiu isso muitas vezes enquanto corria. Não estava muito distante de casa, mas pareceu uma eternidade o tempo que levou para chegar, suas lágrimas escorriam, mas agora de tristeza por outro serzinho e não mais por ela.

—Ninaaaaaaaaaa— Gritou sua avó, mas não obteve respostas, ela passou direto para o quintal, encostou no tanque, pegou um pouco de água, encheu uma vasilha e ofereceu para aquele serzinho.

— Que bicho é esse Nina? Já disse que não quero nenhum animal aqui dentro dessa casa, eles só servem para sujar tudo, quem tem todo o trabalho para limpar tudo aqui sou eu - A avó se aproximou e percebeu que Nina chorava em silêncio.

— Minha filha, o que te fizeram? ?

—Agora não importa, depois conto pra senhora, agora tô chorando por causa dela, ela me disse que tá com muita fome e que já vai logo morrer e a senhora fica dizendo que não quer que ela fique aqui, se ela morrer eu morro junto – E o pranto foi coletivo, as três choravam e o serzinho não conseguia tomar a água oferecida.

A avó, compadecida de tamanha tristeza, voltou no tempo e lembrou da época em que ela tinha seis anos de idade e seu pai não deixava que tivesse nenhum animal, ela chegou a ouvir sua voz gritando.

—Anaaaaaaaaaaaaaa, eu já disse pra tirar esse cachorro imundo daqui, ele fede, não quero que ele fique dentro de casa, não gosto de bicho, só serve pra trazer doença, um horror.

Dona Ana chorou mais um pouco por suas tristes lembranças, seu pai não deixou que ela criasse seu cachorro e ela aprendeu que não deveria mesmo ter nenhum animal, entendeu que eles fazem o mal e nunca quis nenhum. Mas, diante daquele pranto que lhe trouxe tão triste memória, olhou aqueles dois sereszinhos e se compadeceu.

Foi até o fogão, pegou o resto do leite do café da manhã, esquentou, pegou um algodão, já que o serzinho não conseguia mais lambe nem a água que lhe foi servida, pegou ele das mãos de Nina, molhou o algodão no leite, deu gota por gota para ele, ao perceber que ele engolia o leite, Nina começou a enxugar as lágrimas, foi parando de soluçar, sua avó também foi parando

de chorar e as duas começaram a sorrir, parecia que haviam salvo uma vida naquele dia tão difícil para as duas.

Dona Ana havia passado o dia todo sem água nas torneiras, na verdade não caía uma única gota fazia quase uma semana, ela já não sabia o que fazer, os vizinhos com poço até cediam a água, mas ela já estava com vergonha de pedir e com o corpo muito cansado para carregar. Ela passava a manhã toda sozinha, limpava, lavava a roupa, arrumava tudo, fazia comida para esperar todo mundo chegar, sua primeira companhia era Nina, ela chegava da escola por volta das onze horas da manhã, geralmente chegava correndo e falando muito, contava tudo o que acontecia na escola e a avó lhe oferecia toda a atenção possível enquanto a panela de pressão cozinhava o feijão, tudo corria na ordem em que ela estava acostumada e gostava, meio dia chegava o marido, o avô de Nina, seu Antônio, era pedreiro, um homem calado, usava um bigode e se dizia apaixonado por dona Ana até hoje, quando tomava sua cerveja de final de semana então, só aí se tornava falador e repetia isso sempre — Minha Ana é a minha paixão.- Eles se conheceram ainda muito jovens, não chegaram nem a namorar muito tempo, uma semana no máximo, ele deveria ter uns dezessete anos, ela uns quinze, ele chegou em casa catou suas poucas coisas e colocou numa sacola de feira e foi para a casa dos pais dela.

O sogro expulsou, a sogra escorraçou, todo mundo reclamou, a mãe dele foi atrás, ameaçou de dá uma surra, mas ele era tihoso, quando queria uma coisa queria e ele queria ficar com Ana, então ficou, tiveram cinco filhos, todos foram embora, só a mãe de Ana permaneceu com eles, ela até chegou a ir embora com um namorado, mas ao contrário da história dos pais, a sua não deu certo.

Deni trabalha de empregada doméstica, não vem para o almoço, só chega na hora do jantar. E assim dona Ana vai levando o seu dia e não se sente exatamente triste e sim cansada por viver essa rotina mesma por toda

a sua vida, mas não reclama, amava a neta, gostou muito quando a filha voltou grávida, deu todo o apoio, principalmente para que ela não voltasse para o ex, violento e sem um rumo certo na vida.

Nina, adora a avó, tem seis anos, é uma menina negra que está aprendendo com a mãe e a avó o que significa ser uma mulher negra e na escola sempre enfrenta muitos problemas por conta de seu cabelo Black e sua cor de pele. Certo dia a professora chamou sua mãe na escola e “sugeriu” que Nina deveria ter seus cabelos cortados. Ela estava presente, ouviu tudo e uma lágrima escorreu de seu rosto, ela se aproximou da professora, aquela mulher com aspecto tão cansado, um nome tão bonito, Rosa, professora Rosa, a sensibilidade de Nina fazia com que percebesse o quanto aquela mulher era triste.

Rosa não gostava de ser professora, na verdade exercia aquela profissão por não ter encontrado formas de realizar seu sonho de ser médica, mas quem sabe um dia encontrasse esse caminho, um dia ela havia sido uma sonhadora como Nina e nem fazia tanto tempo assim ela ainda sonhava, fez a faculdade com muita esperança, trabalhou muito para conseguir cursar pedagogia com bolsa integral, sempre ajudando a mãe com as despesas, mais velha de quatro irmãos, sempre tentou ter uma realidade diferente e conseguiu, agora estava concursada, era um trabalho fixo, plano de saúde, inclusive para a mãe e para o filho, mas todos os dias pela manhã, antes de levantar para o banho, se perguntava onde está sua felicidade.

Nina não sabia de tudo isso, mas sabia que sua professora, a quem chamava de tia Rosa, não era feliz, era evidente, estava em seu olhar triste, em sua fala irritada. Nina se aproximou de Rosa, puxou sua mão para que se abaixasse na altura de seus olhos e também percebesse a tristeza que provocou.

—Tia Rosa, não quero ter um olhar triste como o seu, deixe meu cabelo ser como ele é, como eu gosto ou vou ser tão triste como a senhora, é isso que a senhora quer que aconteça comigo?

Rosa olhou bem fundo nos olhos de Nina e por um segundo o silêncio se fez para ela, uma mulher de 25 anos, uma menina negra, que mora na mesma periferia desde que nasceu, na mesma casa desde que nasceu e que no fundo sente que pode realizar seus sonhos, mas que também foi obrigada por sua professora a mudar sua aparência, não chegou a cortar os cabelos, mas passou a sempre amarrar para não parecer tão feia quanto sua professora e suas colegas de escola e de rua diziam que era, quando foi crescendo pediu que sua mãe alisasse seu cabelo, sua mãe achou normal, natural até, e assim ela faz até hoje.

Nina a despertou de seus pensamentos dizendo o quanto se acha bonita.

—Eu sou muito bonita, sou igualzinha aquela menina do desenho, tenho vários laços que minha vó enfeita meu cabelo, sou igual minha boneca, num é mãe?

Deni não sabia o que dizer, não sabia que sua filha já possuía tanto argumento assim, ela mesma não conhecia tantos.

—Verdade filha, tu tá certa.

Olhou para a professora de Nina e argumentou com a firmeza que ainda estava aprendendo no movimento feminista negro que estava começando a conhecer através de uma amiga e de vídeos na internet, mas na verdade estava impulsionada pelas certezas de sua criança de seis anos, pegou sua filha pela mão e levou para casa, as duas conversaram muito nesse dia, Nina explicou para a mãe sobre o desenho, a boneca que ganhou do avô e as duas convidaram a avó para a conversa.

Mas, naquele dia em especial, em que Nina encontrou aquele serzinho tão frágil, ela não estava se sentindo com força e nem com vontade de reagir,

foi rejeitada por sua melhor amiga, ela não quis mais brincar com Nina porque seus cabelos eram feios e sujos demais. Nina saiu arrastando os pés, se sentiu pesada, cansada, não pensava em argumentos, nem sua melhor amiga a achava bonita, então não servia para mais nada, não queria mais brincar, só chorar, foi aí que se abaixou ali naquele cantinho onde encontrou aquele serzinho ou melhor, foi encontrada por ele.

Quando seu avô chegou para o almoço ela contou para ele e sua avó de toda a tristeza que sentiu naquele dia e do quanto sua gatinha a encorajou, afinal ela redescobriu que não é feia, nem sua gatinha.

—Ela é tão bonita quanto eu vovô.

O avô achava graça dos trejeitos da neta afirmando sua beleza e mexendo nos cabelos.

—Sim, ela é mesmo, mas precisa comer e ficar tão forte quanto tu, vou ajudar, quando voltar do trabalho mais tarde trago uma mamadeira pra ela tomar leite, o que tu acha?

A avó perguntou qual nome daria a sua gatinha.

—O nome dela vai ser Menina, nós vamos brincar muito e ela vai ser minha melhor amiga.

Nina sorriu um sorriso sem dentes, o avô e a avó se sentiram reconfortados com aquele momento, a inocência que tomava de conta de suas vidas naquele instante era mais importante que qualquer problema externo que pudesse alcançar sua casa.

Em: 10-04-2020,
às 10:58

Noite

Em algum momento um certo fulanismo tomou conta de mim, esqueci quem era, o que fazia, o que falava, o que escrevia, comia pouco, bebia pouco, era como se não estivesse aqui, eu era um fulano, não sabia mais como me comportar. Quando batiam em minha porta e perguntavam por um tal ... eu não sabia o que dizer e ficava ali estático, sem respostas, se acaso fosse alguma coisa para ser entregue para esse tal ... eu recebia mudo e mudo ficava, voltava para a cozinha e coloca a entrega sobre a mesa e me pegava a imaginar quem será esse tal ...

No dia seguinte acordava e parecia que nada daquilo havia acontecido, chegava até a cozinha e preparava meu café, tomava, pegava o pão, passava manteiga, comia e tudo estava como eu poderia dizer, normal, eu era eu mesmo, sabia meu nome e até me espantava com aquela coisa que haviam entregado no dia anterior e eu não lembrava, mas como estava sempre com a cabeça cheia do trabalho e dos problemas da vida era normal que eu esquecesse um pouco algumas coisas do meu cotidiano. E o dia começava, chegar ao trabalho e ali começava minha rotina, papéis, telas, pessoas, nomes, sobrenomes, contas, um sufoco. Ao fim do dia tudo normal.

Assim eu permanecia por muitos dias, as vezes chagava a ser meses, até mesmo, em um momento desses em que sabia quem era, conheci uma moça num aplicativo desses de relacionamentos, ela era tão inteligente, bonita, conversamos muito, ela gostava das mesmas séries que eu, os mesmos livros, então marcamos para sair e ela me disse que queria um relacionamento sério, eu nem sabia se queria um relacionamento qualquer que fosse, mas aceitei, eu achava até que estava feliz, eu sabia quem eu era, comia normal, bebia normal, vivia normal.

Mas, certa vez novamente esbarrei num certo fulanismo, ele me pegou de jeito e eu já nem lembrava mais daquela moça, se gostava dela, se ela gostava de mim, tudo aquilo tornava a minha vida tão diferente e ai eu me tornava um fulano e fui me acostumando àquela situação e agora busco me tornar de uma vez por todas um fulano, estou tão feliz, não sei mais o que significa tristeza, o fulanismo é meu.

Leila Leite
Em: 27 de março de 2020
Às 2:14

Quintal

—Que gosto amargo.

Tudo estava funcionando normalmente, a cozinha fervia e fervilhava, os funcionários todos estavam ali, os cheiros eram os mesmos, os temperos usados eram os mesmos. Mas, tudo parecia errado, ele caminhava por entre as mesas, por entre as pessoas, falava com elas, cumprimentos normais, nada demais estava acontecendo. Depois de provar aquele gosto amargo, tudo deu uma volta de trezentos e sessenta graus em sua mente, ele soltou a colher e pensou, ou melhor, tentou pensar, mas sua mente estava vazia, seu corpo gordo e alto estava suado do calor da cozinha, os funcionários chamavam, mas ele não ouviu um único som, não havia nada. Ele olhou para o vazio e saiu para o quintal, olhando o horizonte, tudo que conseguiu observar em sua frente foi uma folha caindo, as outras folhas, flores, árvores naquele imenso quintal que ele fazia questão de varrer e cuidar todos os dias, não estavam fazendo sentido.

Não havia a menor existência de som, nenhuma possibilidade de cor, não havia nenhum pensamento, ele caminhava como se flutuasse, como se estivesse sozinho no universo, sem pessoas, sem preocupações, sem sons, sem sonhos. Ele passou ali algumas horas, alguns de seus funcionários o seguiram, mas ele não percebeu, saiu em direção ao centro do quintal, olhou tudo ao redor e vivenciou aquele instante sem nada sentir, ouvir, sem nada pensar. Todas as pessoas em sua cozinha ficaram muito assustadas, cogitaram chamar a ambulância, chamar a esposa, a filha, mas era preciso atender os clientes, o salão estava cheio, era hora do almoço, o calor maltratava, muita água, muito suco, muito refrigerante, muita cerveja, tanto no salão quanto na cozinha.

O lugar era grande, procurado pelas pessoas para recordar um tempo que não viveram, saiam da cidade em direção ao sítio São Luís, onde seu

José e dona Maria criaram seu espaço preferido, uma forma de ganhar dinheiro que viram na televisão, os dois já estavam ficando idosos, os filhos não quiseram continuar morando com eles, preferiam estudar e trabalhar na cidade grande, sentir, ouvir, falar outros sons, sabores e cores, mas seu José e dona Maria não, eles gostavam mesmo era daquele lugar, cansados de trabalhar na roça, sem dinheiro para se manter sem trabalhar e ainda longe da idade da aposentadoria, que na verdade talvez nunca chegasse até eles, assistiam um programa de televisão desses que falam sobre o mundo rural, o programa mostrou um casal como eles que tudo o que conseguiram conquistar foi depois que fizeram um restaurante de comida caseira caipira, ganhariam dinheiro e sobreviveriam fora da roça, mas dentro dela.

Foi o que os dois fizeram, pegaram o pouco dinheiro que tinham guardado e fizeram dentro do sítio um restaurante com cara de casa e contavam para todos que chegavam que aquela era a antiga casa deles, não era totalmente mentira, afinal estavam em seu sítio, mas sua casa continuava lá, como conseguiram com o passar do tempo reformar, construíram um quarto para cada filho na esperança que pelo menos voltem para visitar, diziam que aquela era sua casa nova, não era totalmente mentira também, afinal tudo ali era novo, móveis, portas, trincos, seu José construiu exatamente o que dona Maria queria que construísse.

Os dois administravam o restaurante com maestria, sabiam todos os sabores, todos os detalhes, dona Maria comandava a cozinha, seu Zé comandava o salão, contava causos, cumprimentava todos sempre com um sorriso, os clientes mais conhecidos já os chamavam de compadres, eles se cansavam muito, mas se divertiam e não se sentiam sozinhos. Dona Maria tratava os funcionários, na maioria sobrinhos, afilhados, primos, parentes de todos os lados, de todas as espécies como se fossem seus filhos, remédios, roupas, escolas dos filhos, almoço em família, mais de duzentas pessoas reunidas, eles nunca demonstravam tristeza, sempre dispostos e se divertindo

com a família e todos cuidando de todos. Algumas dessas pessoas moravam com eles, outras em casas dentro do sítio, não ficavam sozinhos, não se sentiam sozinhos.

Seu Zé era um homem trabalhador que sabia fazer um pouco de tudo, construía um galinheiro, consertava um telhado, plantava, pintava, limpava o restaurante, estava sempre ativo e o mais importante, gostava de comer, dona Maria adorava que ele adorasse seus pratos, ele buscava se aperfeiçoar cada vez mais, a maniçoba era o melhor, o cheiro tomava de conta de todo o ambiente, ele seguia o cheiro, todos os dias provava os pratos, se deliciava, dizia que precisava fazer o teste, as cozinheiras já esperavam por ele com o prato pronto, ele se sentia no céu. Mas, naquele dia em que tudo parecia tão normal, a rotina parecia seguir seu curso.

Seu José acordou cedo.

—Zé, hôme tá muito cedo ainda, num são nem quatro da manhã, volta pra cama.

—Não, preciso arrumar muitas coisas antes de limpar o restaurante e abrir. Pode ficar ai dormindo, não se preocupe comigo, tá tudo certo, não to sentindo nada, não tô doente.

—Então vou dormir mais um pouco que tenho muito pra trabalhar, legumes pra separar, jambu pra preparar, camarão pra dessalgar, enfim— Enquanto falava isso ela já estava sonhando, mexia as panelas no sonho, brigava com um, atendia outros, rotina normal, o prato do dia ficaria pronto e seria sucesso.

Seu Zé foi para o quintal, limpou tudo arrumou o galinheiro e a casa dos cachorros que a última chuva destelhou, aproveitou a brisa da madrugada, preparou um café, tomou na varanda, conversou com os passarinhos que começavam a aparecer com a aurora. Seguiu seu dia, tomou banho, se arrumou, pegou o chapéu e seguiu seu caminho. No restante começou a limpeza, os funcionários começaram a chegar, as panelas foram

sendo preparadas, o arroz paraense precisava começar a ser preparado logo e os outros pratos também, a quantidade era gigantesca, muitas reservas feitas pela internet, muitas pelo telefone e as mesas de quem não precisava reservar, tudo limpo, arrumado e o cheiro do tucupi bem temperado começa a tomar conta do ambiente, seu Zé sentiu longe e já se animou, entrou na cozinha e seu prato estava preparado, ele pegou, encheu a colher, colocou na boca e foi aí que tudo mudou.

O céu daquela manhã estava limpo de nuvens, azul brilhante, um calor escaldante, os funcionários gritando.

—Tio

—Primo

—Zé

—Tiiiiiii

Não importava como, não importava do que lhe chamavam, ele não ouvia, a falta de pensamentos em sua mente estava tão boa, sem sons, sem sabores, mas com cores, ele ficou algumas horas assim.

—Liga pra tia Maria, ela foi no mercado, tem que voltar correndo, é o jeito, o homem não escuta a gente, parece loucura, tá em pé ali há horas, será que vai morrer pai? – Sandra era a filha mais velha de seu Joaquim, irmão de seu José, era muito próxima ao tio, se preocupava com ele como se preocupava com o pai, cresceu com os primos e morava na casa de dona Maria, ajudava em tudo e dona Maria a considerava uma filha. Mas, Sandra não quis estudar teorias, gostava mesmo de cozinhar, queria aprender tudo com a tia, conseguiu e comandava a cozinha junto com sua tia.

—Não falava besteira menina. Zé sempre foi assim, essa é a primeira vez que vocês tão vendo, tua tia nunca viu, mas Zé é assim mermo. Deixa ele quieto.

Sandra esqueceu as panelas e ficou um tempo de longe olhando o tio, tentou saber com o pai o que acontecia com o tio que a tia não poderia saber.

—Vá até lá e fique bem no ângulo de visão dele, deixe que ele olhe bem pra senhora, bem dentro de seus olhos, não diga nada, fique em silêncio. Entendeu? Em silêncio. Depois traga ele pra comer o arroz paraense.

Assim dona Maria fez, foi em silêncio, se posicionou diante de seu Zé, como era bem mais baixa que ele, precisou de um tempo para saber se estava no lugar certo, ficou algum tempo olhando para ele, alguns segundos, uma brisa quente bateu e fez seu Zé sentir o perfume de dona Maria, ele olhou em seus olhos, sorriu.

—Como você tá bonita hoje minha Maria. E eu senti uma fome de repente. Esse quintal precisa de mais cuidados. Qual o prato de hoje mesmo?

—Arroz paraense Zé, vamos comer. – Os dois caminharam para a cozinha sentindo o cheiro de tucupi no ar e sentindo o estômago embolar e Maria esqueceu que não sabia o que realmente havia acontecido Zé. Vida que segue e com arroz paraense.

Leila Leite
Em: 0-04-2020
Às 22:34

Pandemia

—Mãe, o que é pandemia?

—É essa doença o ó que tá matando todo mundo.

—Mas, a gte já morreu mãe?

—Menino, eu acho que sim, a gte fica sem ar, não reconhece o lugar, as pessoas sumiram, tia Zefa, por exemplo, sumiu na véspera do aniversário, a gente não tem mais muito pra comemorar.

—Mas, mãe, se a gte morreu pq a gte não sumiu igual a tia Zefa???

—Se a gte não morreu pq não me vejo mais no espelho? Quando chego perto só uma sombra me cobre cobre a imagem.

—Mãe, tô com medo, não quero tá morto, vamo falar com o pai.

—Pai, eu tô morto?

—Como é? Que história é essa? Quem disse isso?

—É Zé, responde, a gte tá morto?

—Mulher, o que vcs comeram?

—Pai, num enrola. Se a gte não tá morto pq a gte num pode se ver no espelho?

—Eu me vejo. Que história de doido.

—Tem certeza Zé???. Vamo até lá.

—Olha lá, minha imagem tá igual.

—Mas, aquilo ali é só uma sombra, pai.

—Minha imagem sempre foi assim e pra mim é muito bonita.

—Pai, o que é Pandemia?

—Não sei direito, mas parece que é só uma gripizinha que logo vai passar.

—Mas, Zé como tu pode dizer isso, homem de deus.

—Pai, o senhor não tá sentindo nada?

—Não

—Tem certeza Zé? A cabeça num dói? O peito não aperta? O ar num falta? As pessoas não somem?

—Não!!!! Tudo tá normal, tá igual, estamos vivos, vcs estão loucos.

—Mãe, já peguei o cachorro e o gato, a gte já pode sumir, o papai já se foi, já morreu, faz tempo que não habita mais seu corpo nem esse mundo. Agora entendi o que pandemia.

Leila Leite
04/05/2021
Às 16:31

Mãe

Era um dia de verão em Belém, daqueles de descascar o cérebro e o suor escorre pela espinha. Denise brincava com seus bebês que miavam atrás de uma bolinha de papel. O ventilador girava na sala e Maria assistia um besteiro na sessão da tarde, a barriga proeminente fazia com que ela se sentisse muito mais pesada do que de costume, era uma mulher alta e que adorava um chopp pra aliviar o calor da tarde. Ela se divertia com sua gatinha e seus filhotes. O filme lhe deixava relaxada e fazia esquecer os problemas.

Mas, uma mensagem no zap e ela fica assustada, era preciso levantar, a mãe avisava que chegaria logo, ela não se sentia em condições de fazer nada e permaneceu no sofá. A mãe chegou se sentindo afogueada, o supermercado lotado, a feira lotada, a vizinha que falava sem parar. O almoço do dia das mães, seria o primeiro de Maria e o quadragésimo de sua mãe. Denise também comemorativa o primeiro e o último já que logo seria castrada. Dona Terezinha estava feliz, o dia das mães era quando reunia seus 4 filhos e suas duas filhas, Maria e Deni. Mas na verdade ela tinha mais ciúmes mesmo da Deni.

Ela nem gostava de gatos, mas a Deni chegou fraquinha, não conseguia nem ficar de pé, não sabia que estava grávida, ainda era um bebê, apenas 4 meses. Dona Terezinha tratou de dá logo um banho, deu um prato de leite e botou Maria pra caçar ração.

—Vai logo atrás dessa ração que minha filha tá com fome.

—Eu não como ração.

—Maria tu num te faz de besta, corre logo que minha menina tá faminta.

Dona Terezinha cortou uns pedaços de carne assada de panela e Denis se fartou. As duas foram pra cama pra que Denis se esquecesse enquanto sua ração não chegava. Dona Terezinha chorava de pensar em sua nova filha, uma frajolinha, magrinha, com olhar choroso.

Maria, que ainda não sabia que estava grávida e nem imaginava que um dia isso fosse acontecer, com mais de 40 E desempregada. Isso seria o fim.

—Cadê Maria que não chega com essa ração?

Maria voltou logo, sentia enjoo e não conseguiu passar na casa das amigas onde sempre parava para um dedo de prosa. Deni comeu ração e dormiu ao lado de sua nova mãe. Maria não entra nesse quarto por nada, meu bebê precisa de mto descanso pra recuperar as forças. Maria nem ao menos ouviu nada e saiu correndo para o banheiro. Mas, o tempo passou rápido. Dona Terezinha, muito dada às novidades, ficou feliz quando soube que suas duas filhas lhe dariam netos nem indagou nada. Maria não entendeu e Deni agradeceu.

E naquela tarde Dona Terezinha só pensava no seu dia. Comprou o camarão, o jambu, o tucupi e todo o resto para preparar seu almoço. Esse ano seria mais especial ainda, ela, que já tinha mitos netos de seus filhos, teria a primeira neta de sua filha. Ops! Seria sua primeira neta humana. Deni foi quem lhe deu a primeira. Dona Terezinha era casada com Seu José, ele não gostava muito de dividir seu pouco espaço na cama com 4 gatinhos, mas secretamente também adorava a presença deles. Quanto à sua filha humana, era um pouco triste por ela não ter casado pra engravidar, mas, fazer o que? Com a chegada de sua neta humana a casa ficaria ainda mais animada. Mas, quem nos interessa são as meninas.

Dona Terezinha descansou no sofá, pegou um vento e pediu uma água bem gelada. Maria, que não conseguiu coragem pra fazer nada do que Dona Terezinha pediu, imediatamente levantou e foi buscar a água.

— Maria, a feira tá um inferno. Mas, comprei tudo que faltava.

Revira as sacolas e grita...

—Meu Deus...Maria do céu, vai correndo no seu Manél e traz creme se leite e leite condensado.

Tudo o que faltou foi providenciado. Ou quase. Dona Terezinha, como uma boa cozinheira, sempre precisava de mais alguma coisa. Mas, por enquanto...

No dia...

Maria acordou cedo, não correria o risco de perde e um único minuto do seu primeiro dia e queria descer antes de Dona Terezinha acordar, tudo ficaria em paz. Mas...

—Mariaaaaaaaaaaaa

Não funcionou. O tucupi já estava fervendo, o cheiro tomou conta da casa. Maria desceu sobrevoando no cheiro.

—toma logo o café, o pessoal tá pra chegar, rápido

—Mãe, ainda são 6h da manhã.

O camarão já estava refogado. O arroz esperava o tucupi, mas só mais tarde ou poderia azedar. O frango também já estava assando no forno. A casa toda cheirava a comida. Seu Zé já estava na rua pra comprar o que faltou e os caranguejos. Maria cuidaria das sobremesas, creme de cupuaçu, pudim, docinhos. Nada sairia errado. E não saiu, os irmãos chegaram às 7h da manhã. Já estavam atrasados. Foram comprar ceeveja, refrigerante, sorvete e mais o que tava faltando. Sempre tá faltando. Eles também alugaram cadeiras e mesas. As noras ajudaram na cozinha, limparam a casa, encheram balão. Dona Terezinha comandava tudo. O almoço começou e ainda faltou coisas. Ah! Deni ganhou ração especial e faltou o sachê que ela mais gostava.

—Maria, ainda faltou....

Leila Leite
Em:08 de maio de 2021
Às 16:59

Nada

Hoje estava pensando no nada, qual o sentido do nada? Outro dia eu estava assistindo à novela e uma personagem divagando sobre o nada. Mas, não deu em nada. O que me levou a esse pensamento foi uma pergunta que minha filha me fez. Ela chegou comigo e perguntou "mãe, se eu sou um nada, igual o Johny falou, então porque eu nasci?"

Foi então que não soube responder e parei aqui com essa vassoura na mão e me indagando sobre o nada, me senti uma filósofa.

Mas, meu estômago brincou e lembrei que passei a manhã toda aqui nesse quintal, sozinha, não tem mais ninguém em casa e eu não fiz nada para comer.

Vou já fritar um ovo e comer uma farofa com café.

Depois deito e durmo para sonhar com o nada que já fiz hoje e a vida chata que me proporciono todos os dias.

Em: 10 de maio de 2021
Às 14:53

Hoje

Hoje estava pensando quem sou eu, quem eu sou. Abri uma gaveta cheia de papéis e retirei detalhadamente procurando não sei o quê, abrir todas as bolsas, sim, aquelas que em outros tempos me serviram para levar e trazer objetos que eram tão preciosos e que hoje perde em completamente o valor, mas também não estava lá. Fui ao armário de documentos e tirei tudo do lugar reorganizou, fechei as pastas, fechei as portas e lá também não se encontrava o que eu procurava e não lembrava o que era. Fui até a cozinha e procurei em todas as gavetas, armários, panelas, copos e não, também não estava lá. No quintal estava chovendo e daí então, concluí que lá não poderia mesmo. Mas, foi aí que respirei fundo, olhei as plantas molhadas, sentei numa cadeira e fiquei horas pensando no nada da paz que a chuva traz.

Em:23 de fevereiro de 2021
Às 19h
Terra Firme
Belém Pará

Leiteco

Ele estava ali sentado cochilando na frente da TV, a barriga ainda não havia avisado da hora do almoço. Seu Antônio levou um tempo para se acostumar com a aposentadoria forçada por um derrame aos 70 anos, mas agora já levava de boa aquela sequência de séries e filmes e muita ação e ele assistia uma atrás da outra e que conseguia prestar atenção quando o sono não pesava. Dona Rosa na cozinha preparava o almoço e conversava com o loro e os gatinhos, ouvia uma musiquinha bem ambiente e vez ou outra dançava um toucinho com o Pita, seu gatinho preferido.

Mas naquela manhã, ele estava cochilando e ouviu um grito, Leiteeeecooooo, esse era o apelido do Seu Antônio, quando se assustou ele percebeu que ela ainda estava paciente, afinal, os filhos e filhas estavam espalhados entre o supermercado e a feira, compravam as cinco listas que Dona Rosa encomendou e ele estava despreocupado...

—Homi, o que tu tá fazendo??? Comprou o que eu pedi???

—Ainda não...-Seu Antônio deu um sorriso amarelo, Dona Rosa já estava vermelha...

—Leiteco, agiliza, vai de ônibus pra feira, compra o tucupi e o hambúrguer, já tô fritando o frango, não esquece do limão que acabou, anotou tudo, compra da Pimenta e cominho moída na hora lá na porta do mercado. Anotou????

—Mulher não precisa, tenho tudo decorado...

Ele pega o boné velho e que era o mesmo que usava quando trabalhava, Dona Maria detestava, ele tinha vários novos e não usava nenhum, ele fazia de propósito só pra escutar ela reclamar, ele gargalhada em pensamento. Vestiu a camisa e foi olhando para trás para ver se ela não olhava, quando

teve certeza que não, entrou na primeira rua rumo a feira, como sempre ignorou os ônibus.

No caminho entrou na casa da irmã, conversou um pouco e saiu conversando com os amigos que encontrou.

Olhou as mangas e achou bonitas, pensou, 'gosto tanto de manga, umas três não vão quebrar o orçamento, levou as mangas e saiu caminhando, comprou o jambu, bananas, o tucupi, o dinheiro acabou e ele pensou, ' Não falta mais nada, já vou' e foi para casa.

—Rosa não vai reclamar de nada pela primeira vez.

—Mulher, cheguei, tá qui tudo que pediu, não falta nada.

—Vamos conferir, falta a pimenta e o limão, não tinha uva?

—tinha de monte, o que num tinha era dinheiro kkkk

O olhar de Som Rosa congelou Seu Antônio , mas ele aguentou firme. Comeu uma banana e ouviu tudo calado.

— Sabe que dia é hoje Leiteco???

—Sim, dia dos pais, por isso eu tô descansando e os meninos tão todos pra feira, liga pra eles.

—É sempre assim, desprezo com tudo o que eu falo e faço. Esuece tudo porque não me ouvem.

Ele pegou o boné e voltou para a feira. Maria chegou da feira e também faltou, mas já estava acostumada, depois voltaria, o tucupi já exalava o seu gostoso perfume pela casa, o jambu estava lavado e logo ferveria também.

—Teu pai foi pra feira duas vezes já, é teimoso.

—vou atrás dele.

—Deixa ele lá, ele gosta, depois volta esbaforido, mas feliz.

Essa era a rotina na casa de Dona Rosa em todas as vésperas e dias festivos. Ela se estressada e Seu Antônio levava tudo numa boa, se estressava as vezes e queria sair pra longe, mas onde iria sem sua Rosa e suas crianças, sem falar no Loro, nos gatos, as galinhas.

Não sabe viver sem eles, já eram 50 anos de vida com Dona Rosa, não sabia ser sem ela.

Tarde

A tarde começou com um seu azul perfeito, os gatos e os cachorros dormindo, quarta-feira, 11 de maio de 2022, 14:23, tudo mudou, o tempo nublado, o sol a pino, os gatos dormindo, mas um deles não, ele estava impaciente, andou pelo quintal, conversou com o galo e a galinha, pareceu entender que a chuva era certa e o melhor a fazer era deitar e dormir, o telhado estava proibido para ele.

Joãozinho, com seu corpo esbelto, muito peludo, rajado, um rabo muito volumoso e um charmoso bigodinho, do alto de seu um ano de idade, deitou pensativo e olhando para o vazio, pensava, "até os cachorros estão dormindo e eu não consigo relaxar, quero brincar no telhado.

Quando cochilou um pouco, sonhou que miava com seus amigos no telhado, acordou assustado e a chuva estava começando a cair, então não pensou em mais nada, lambeu todo o corpo e decidiu dormir tranquilo seguindo o ritmo dos pingos no telhado.

EM: 11 de maio de 2022
Às 14:39
Terra Firme

Sábado

Todo sábado é assim, ela se sente mais feliz, a casa ficava mais movimentada, as pessoas circulam, falam, o cheiro de comida está no ar e ela se sente mais tranquila, mais calma.

Quando a tarde cai ela caminha até a janela e se posiciona para observar o que está ocorrendo dentro e fora de casa, nada escapa a seus atentos olhos amarelos.

Uma espreguiçada e o cochilo começa, a barriga está cheia, picadinho, ração e os carinhos de sua mãe fazem com que o mundo todo fica sentido.

Miauuuuu!!!!

Em: 24 de abril de 2022

Às 17:18

O relógio

Jonas tinha uma certa obsessão pelo tempo, o que poderia acontecer com o tic-tac do relógio, a subida e a descida da lua e do sol, cada fase, cada estação. O tempo. Jonas cresceu em uma família grande, 10 irmãos e uma irmã, em momento nenhum a casa estava vazia, ele saía levando o tempo em suas brincadeiras, geralmente sozinho, seus irmãos não entendiam o motivo dele olhar tanto para o relógio, que contagem era aquela? Mas, em momento nenhum ele se sentia solitário, sua mãe o entendia, ela também fazia aquela contagem desde criança.

Ele admirava o pai, um homem trabalhador, dono de uma barraca na feira que queria que seus filhos estudassem para não passarem pelo mesmo sufoco que ele na vida. E todos frequentavam a escola, cada um com sua peculiaridade e seu tempo próprio, mesmo que não percebessem.

Jonas era o quinto irmão, fez o que seu pai tanto queria e gastou uma grande parte de seu tempo na escola, aprendeu a fazer diversas leituras, passou no vestibular, cursou história, se tornou professor de escola pública e decidiu que era tempo de casar e ser pai.

Namorou, casou, seguiu o protocolo, não gastaria mais tempo nenhum estudando, apenas dando suas aulas, porque seu desejo mesmo era ter uma barraca na feira como seu pai e observar o tempo que por ali corria, livre dos muros da escola e da burocracia. Mas, enfim, fez o que todo mundo queria.

Jonas, após o casamento, conseguiu financiar uma casa antiga, esse sonho ele realizou, ali, escolheu um quarto secreto aonde guardava seu tempo, e eram muitos tempos, relógios de várias épocas, ele sabia tudo sobre suas histórias, quem os inventou, quem os fabricou, quando, em que momento. O tempo.

Sua mãe era a única pessoa que conhecia aquele lugar. Sua esposa e seu filho, com o passar do tempo, começaram a pensar que o melhor seria ir embora, buscar novas aventuras.

Jonas lamentou sua partida, mas não sentiu sua falta, nunca havia passado muito tempo com eles mesmo. Com a ausência dos dois ele diminuiu o tempo de trabalho e passou a se dedicar mais ainda a seu tempo.

Ele também não percebeu que o tempo estava mudando tudo ao seu redor. Jonas perdeu o contato com os irmãos, só falava com a mãe e a irmã caçula que acompanhava dona Telma nas visitas ao filho, não procurava o pai, não perguntava para a mãe.

Com o tempo dona Telma sumiu, não apareceu mais, só alguns dias de sua ausência fizeram com que ele lembrasse de sua imensa família, pai, mãe, irmãos, adultos e crianças, sobrinhos, cunhadas, muitos morando ali, muitos distantes, mas naquele momento todos reunidos, o pai havia adoecido.

Não era nada grave, no entanto fez com que dona Telma desistisse de viver em busca do tempo e pensasse em viver todo o tempo que ainda lhe restava aproveitando a família.

Jonas ficou perdido ao entrar na casa e encontrar tanta gente nova, não conhecia a maioria dos sobrinhos e sobrinhas, quase não reconhece os irmãos crianças e ficou perturbado ao perceber que seu pai e sua mãe estavam tão envelhecidos, não sabia o que dizer, não quis insistir para que a mãe voltasse, saiu de lá sabendo que todos estavam vivos e preocupado com tempo que havia perdido longe de todos os tempos que tanto conservava.

Em: 25 de fevereiro de 2022
Às 13:16
Terra Firme
Belém-Pará

Doces

— Anne, sua moleca safada, volta já aqui!!!!!!

Anne passou por um, passou por dois, passou por três e saiu em disparada na direção da rua, ninguém segurava, mãe, vó, vô, quando ela queria cegava todo mundo e pegava o oco do mundo.

Era seu aniversário de 6 anos de idade, o bolo pronto, a vela comprada, os docinhos enrolados, os refrigerantes gelando, adultos cansados e as crianças ajudando a encher balões, a aniversariante cansada daquele serviço deu um jeito de sair correndo para a os docinhos, quando estava no segundo sua mãe chegou, foi quando ela saiu deslizando feito sabão sem deixar rastro.

A mãe gritou, esperneou, ameaçou, mas não teve jeito, ela deixou todos se acalmarem, respirou fundo e desceu da árvore na frente da casa, sentou calada ao lado do primo e voltou a encher balão. Sua mãe nem lembrava mais da situação, foi arrumar a roupa de sua caçula que estava crescendo rápido demais e não parava de surpreender com sua inteligência e traquinagem.

No final da tarde a casa estava toda colorida com os balões, um bolo enorme enfeitava o centro da mesa, tudo muito simples, mas farto, panelão de vatapá, outro de maniçoba, arroz branco para acompanhar, brigadeiro, olho de sogra, cajuzinho, todos os docinhos preferidos da menina estavam lá.

Os convidados começaram a chegar, muitos presentes Anne esperava ganhar e aconteceu, tias, tios, vizinhas e vizinhos, todos os primos estavam lá, a musica da xuxa tocando e as brincadeiras rolando.

A aniversariante era só sorrisos e acreditava em sonhos e em sua mãe que lhe enfeitou com aquele vestido novo feito por ela mesma e nem lembrava mais dos docinhos roubados.

—Parabéns, parabéns, hoje é o seu dia...

A canção acompanhada pelas palmas deixaram tudo mais colorido e feliz.

Em: 24 de Novembro de 2021
Às 23:13

Clarice

Toda tarde Clarice chegava do trabalho e antes mesmo de trocar de roupa tinha que cuidar de seu pequeno jardim no quintal. As flores preferidas de Clarice eram as rosas, principalmente as vermelhas, mas em seu jardim quase todas as vermelhas haviam morrido, sua roseira estava começando a se recuperar e apenas uma flor permanecia viva.

Certa tarde ela chegou feliz por ter saído mais cedo do trabalho e por ter mais tempo com suas plantas, mas um barulho a despertou, alguém estava dentro da casa, seu coração acelerou, suas pernas tremiam, não conseguia sair do lugar, a respiração ficou pesada.

O barulho de objetos sendo quebrados, o cachorro latindo, tudo fez com que Clarice não soubesse de onde estava, próximo a suas plantas, as lágrimas de desespero escorrendo em seu rosto, ela escuta os passos, sandálias de borrachas em um passo conhecido, pesado e violento, ela fecha os olhos e quando percebe que o inevitável aconteceria ela olha e sua rosa vermelha estava esmagada na mão daquele homem a quem ela tanto amou e protegeu.

Quando foi morar com José estava realizando seu sonho, ter uma casa só sua, uma família, um marido, trabalhava desde muito cedo, era independente, José era carinhoso e trabalhador, estavam apaixonados e arrumaram tudo.

O jardim foi a primeira providência de Clarice, sempre quis ter um jardim, na casa de seus pais não havia espaço, conseguiu as mudas com as amigas, outras comprou e assim ela e ele foram organizando a vida.

Com o passar dos meses o temperamento de José foi mudando, reclamava da comida de Clarice, reclamava do perfume, não gostava das roupas. Clarice foi perdendo o gosto pelo jardim, não entendia o que estava fazendo de errado para desagradar a José, mudou o cabelo, emagreceu, aprendeu novas receitas, fez de tudo para agradar, mas ele só reclamava, começou a gritar, mas nunca tocou em seu corpo com violência.

Para Clarice ela estava errada, foi difícil entender que ela não estava fazendo nada errado e que aquilo era violência. As amigas alertaram, ela se zangou e não contava mais nada para elas, ele começou a pegar dinheiro em sua bolsa, cartões sumiam, mas ele sempre negava.

Até que Clarice, depois de muita conversa e contatos com pessoas de movimentos sociais, começou a entender que aquilo era sim violência e que ele estava errado. Quando

disse que não queria mais morar com ele veio a primeira agressão física e ele se recusou a sair da casa, ameaçou sua vida.

Ela ficou com medo, a denúncia só veio depois de muitas outras reações violentas. Com o apoio de amigas e de pessoas do movimento social Clarice denunciou, ele foi preso e ela começou a retomar sua vida.

Mas, ele foi solto por bom comportamento e Clarice se viu presa novamente, se sentiu esmagada como a flor na mão daquele homem que não conhecia mais e por quem só sentia repulsa e medo.

Clarice juntou todas as forças e antes que ele conseguisse atacar ela gritou deu o alerta para a polícia, saiu correndo e gritando...

O que será que aconteceu com Clarice?

Escreva o final minha cara leitora/leitor.

Em: 02 de fevereiro de 2022
Às 16:24

Bolo

A vida era assim, ela gostava muito de bolo, principalmente de chocolate com cobertura de chocolate e com chocolate quente. Ela estava com apenas três anos de idade quando sua avó lhe apresentou essa delícia, ela salivava quando chegava à casa de sua avó pensando no colo, no mingau e principalmente no boooloooo.

A avó morava na casa da frente, uma casa pequena, três cômodos, nenhuma porta interna, apenas a porta da frente e a da cozinha, que era uma porta dividida ao meio e também servia de janela, de onde a avó gritava, Jujuuuuu, tá prontooooo!!!!!! E Juju corria com toda a força que suas pernas permitiam, o sorriso de orelha à orelha, um abraço forte no vovô, mas um forte na vovó pra ganhar um pedaço maior.

O tempo passou, ela cresceu e a avó aprendeu novas receitas, a neta encantada com sua vó Maria, se tornou uma doceira, mil doces aprendeu, mil amores conquistou com suas gostosuras, mas nada era igual chegar na casa da vovó e comer aquela merenda, que não preparavam em sua doceria, era exclusivo daquele momento.

O ambiente era todo chocolate, um perfume especial no ar.

25 de Outubro de 2021 Às 13:37

Sushi

Ela estava ali entediada, olhava o relógio a cada segundo, o tempo parecia parado, já havia contado até a poeira na sua frente, secou uma garrafa de café, quase secou o garrafão de água, nada, o tempo não corria. Então, uma voz a despertou para a realidade,

-Joana, vem depressa, resolve isso aqui.

-Não acredito, o tempo parado e essa voz agora???! O que é???

Uma única imagem habitava a mente de Joana o dia todo, ela estava se sentindo simplesmente desesperada, sonhava acordada, delirava. Joana levou alguns minutos para conseguir acordar de todo o tédio e delírio para dá o primeiro passo ela se espreguiçou algumas vezes, bocejou e foi.

O problema já havia sido resolvido, tudo estava no lugar e ainda faltava meia hora....meia hora pra ela sair do trabalho, suas amigas não aguentavam mais os áudios que foram enviados no grupo com os milhões de planos de Joana para o momento em que aquele dia de trabalho acabasse.

Joana não suportava mais aquela rotina estafante de trabalho, precisava que o relógio se movesse rápido, o que não acontecia, aquelas imagens povoando sua mente, era engraçado como conseguia sentir o gosto, salivava.

A bolsa já estava arrumada, tudo preparado, dez minutos, chamou o Uber, se despediu das colegas, seria um mês sem olhar pra ninguém daquele lugar. O Uber chegou, foi direto para o shopping, as amigas ligaram, número errado, ela trocou o chip, chegou correndo subiu as escadas, enquanto isso ligou para o lugar para adiantarem algumas coisas, ligou para as amigas e sushiiiiiiii, nunca se sentiu tão feliz.

16 de Dezembro de 2021

14:55

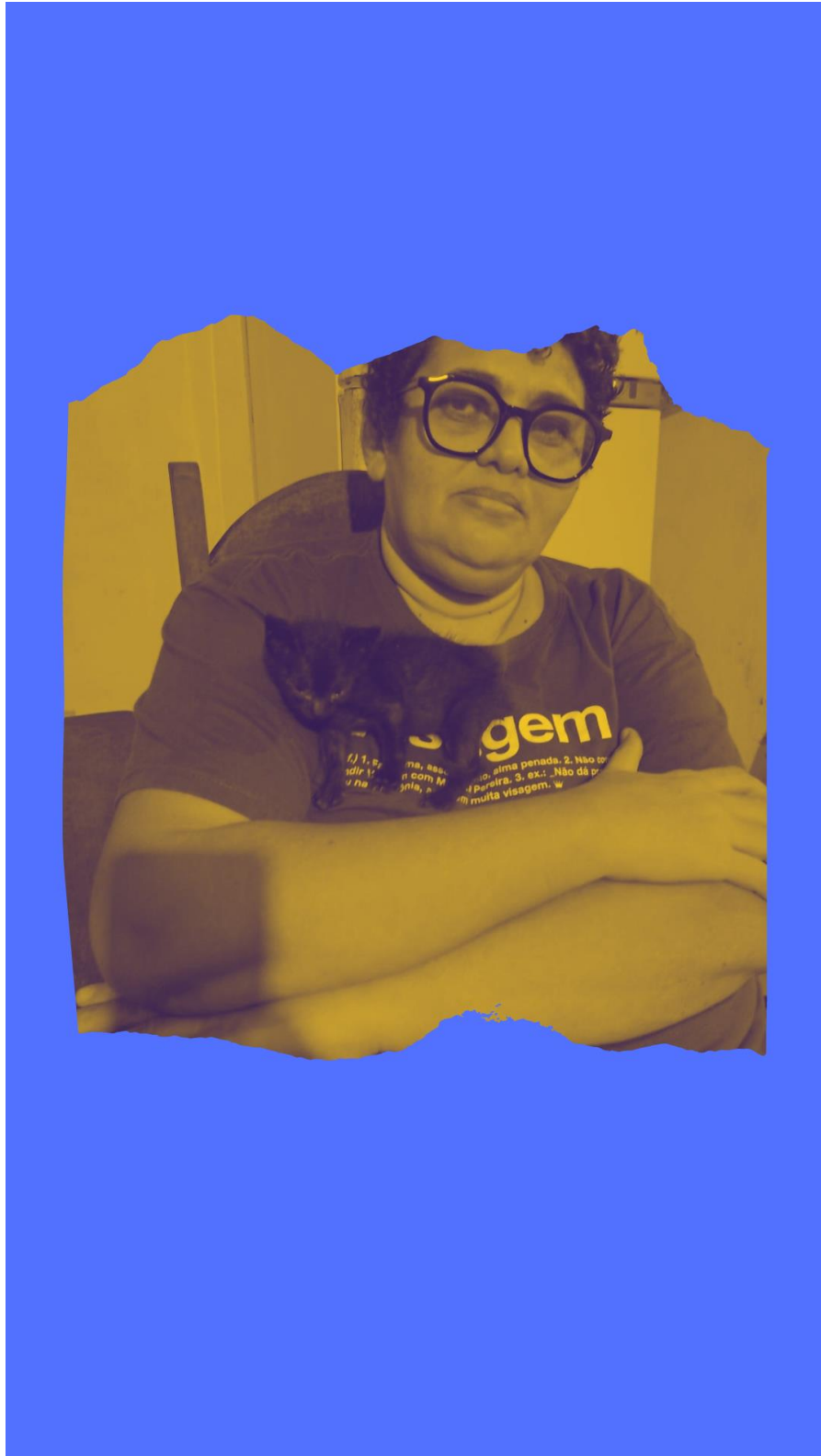
Terra Firme

Fabiana

O sol estava quase sempre brilhando para Fabiana, mesmo quando chovia, o sol estava lá brilhando, ela parava por horas imaginando como o mundo todo era feliz. O sol brilhava, as pessoas eram felizes, pelo menos em sua imaginação que era o lugar aonde fugia de toda a tensão do dia-a-dia, o sol brilhava e ela adorava o sol, mesmo quando estava chovendo.

Certo dia Fabi, como suas amigas a chamavam, organizou o maior piquenique do bairro em mais de dez anos , começou conversando com a melhpr amiga, que trabalhava com ela no mesmo armazém, as duas estavam sempre em busca de uma aventura, uma praia, uma festa

A autora



Leila Leite

Moradora do bairro da Terra Firme desde que nasceu, já foram muitos projetos elaborados nesse lugar, talvez pensados, todos para o papel, mas sempre tendo como foco a periferia que tanto traduz o que penso e vivo, mesmo que não vivenciando de verdade a vida toda que por aqui existe e circula, transformando histórias e gritando por paz e mudanças.

Gateira, o que é relativamente recente na minha vida, minha casa sempre esteve relativamente recheada por animais das mais diferentes espécies, mas minha relação era distante, até que chegou o Fofó e uma nova relação começou e chegamos até aqui, mais de 20 gatos, dois cachorros, etc.

Antropóloga, uma profissão escolhida com muito cuidado desde a graduação, lógico que não era o sonho de criança, se você não é filha de antropóloga, você não sabe nem com que se come isso, mas foi a escolha racional, talvez. Sei que gosto, cheguei a terminar o doutorado e sou doutora, sempre quis ser, adoro estudar, sem livros não sou nada.

Escritora, essa sim vem da infância, acho que sempre fui escritora, livros, escrever, escrever e escrever, já falei que gosto muito de livros, minha vida é cercada por eles, não penso, não falo, não respiro sem escrever, sem caneta, papel, livros.

Organizadora da Editora Gato Ed com muito orgulho.



Editora
Gato Ed